

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Príncipe e o Pobre

Mark Twain



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Príncipe e o Pobre

Mark Twain



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Príncipe e o Pobre

Mark Twain

Tradução de Ana Diniz

Copyright © 1977, 1986 by Pendulum Press, Inc. (United States of America)

**Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela
EDITORIAL PUBLICA, LDA.**

Av. Poeta Mistral, 6-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

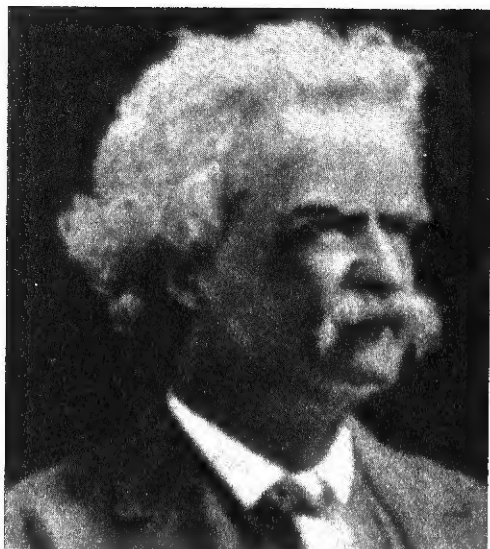
Composto por Textype — Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 376

Acabado de imprimir em Agosto de 1986

Depósito Legal n.º 11 264/86



O Autor

Mark Twain (pseudónimo do famoso escritor norte-americano Samuel Langhorne Clemens) nasceu em 1835 na Florida, Missouri.

Contava quatro anos de idade quando a sua família se mudou para Hannibal, cidade situada nas margens do rio Mississipi e cujo ambiente influenciou largamente muitos dos seus livros.

O autor, num estilo agradável e sensível, tem o dom de saber combinar o humorístico com o sério. As suas personagens são reais e convincentes, os ambientes são naturais.

Faleceu em 1910 com uma vasta obra realizada. «A Célebre Rã Saltadora de Calavares County», «As Aventuras de Tom Sawyer», «O Príncipe e o Pobre», «Vida no Mississipi», «As Aventuras de Huckleberry Finn», «Um Americano na Corte do Rei Artur», são alguns dos seus romances mais conhecidos.

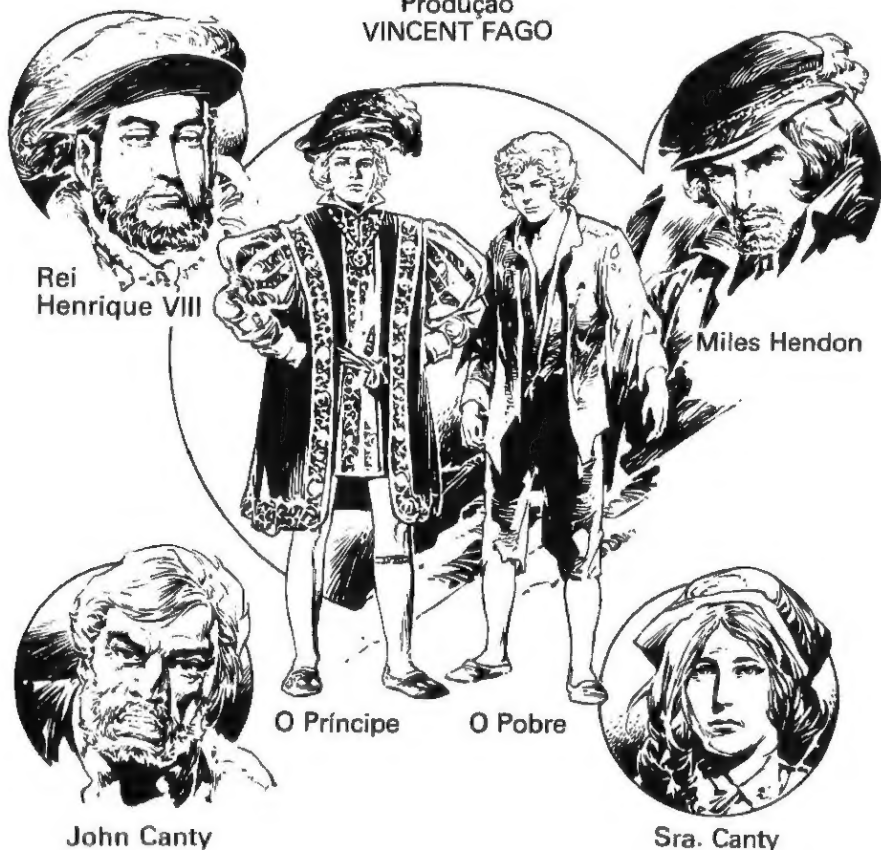
Mark Twain

O Príncipe e o Pobre

Adaptação
JOHN NORWOOD FAGO

Ilustração
E. R. CRUZ

Produção
VINCENT FAGO



Na cidade de Londres, no século xvi, numa família muito pobre, os Canty, nasceu um menino. Já tinham vários filhos, e este nascimento não veio trazer alegria.



*No mesmo dia,
veio ao mundo outra
criança, mas esta
na família real.
Toda a Inglaterra falava
alegremente do
recém-nascido:
Eduardo Tudor,
Príncipe de Gales.*

*Esta história foi contada e recontada, e assim passou
de pais para filhos.
Os dois rapazes, o príncipe e o pobre, eram tão parecidos que,
quando o destino os trocou, nem as famílias souberam
distingui-los.*

Passaram muitos anos.
A família Canty vivia num
quarto no bairro miserável
de Offal Court,
onde o álcool e as rixas
eram o dia-a-dia.



John Canty
era ladrão.
A mãe, que
viviu com
ele, era
mendiga.



Cala
a boca!

Puseram as
crianças a
pedir, mas
não conseguiram
levá-las a
roubar.
Quando Tom
chegava a
casa sem
dinheiro,
o pai
espancava-o.

Já te ensino
a vir para
casa sem
dinheiro,
fedelho!



Mas de noite a mãe trazia-lhe
a sopa ou o pedaço de pão
que lhe cabia.



Toma, querido,
come isto.

Contudo,
Tom era uma
criança feliz,
e julgava que
todos viviam
como a sua
família.



Havia muitos
divertimentos.

Os rapazes
nadavam
no rio,
e faziam
batalhas
campais.

O velho padre Andrew, que vivia perto dos Canty, ensinou Tom a ler e escrever, e deu-lhe algumas lições de latim.

Amo, amas, amat...

Muito bem, meu rapaz.



Contava-lhe histórias de gigantes, príncipes e reis, que enchiam a imaginação do garoto.



Muitas noites, Tom não conseguia dormir, do cansaço e da fome.

... mas sonhava com príncipes e castelos.

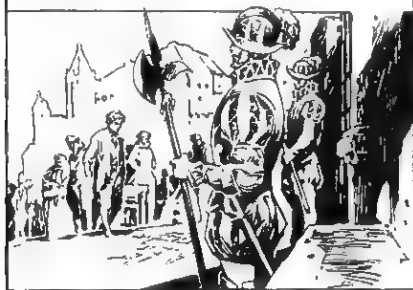


Nas brincadeiras Tom fingia que vivia na corte. Ele era o príncipe, e os amigos eram os nobres.

O exército real aguarda as vossas ordens, majestade.



Um dia, caminhando
pela cidade,
Tom foi ter ao palácio real de
Westminster.



No jardim,
o pobre e
esfarrapado
Tom viu um
rapaz com
roupas de
seda e cetim,
enfeitadas
com pedras
preciosas.
Tom
encostou
o rosto às
grades.



De
repente...



As pessoas riram,
mas o príncipe Eduardo
avançou para os guardas.

Como se
atrevem a tratar
assim um pobre
rapaz?
Deixem-no entrar!



Pareces
cansado
e com fome.
Vem
comigo.



Eduardo levou Tom para o palácio, e mandou servir um pequeno-almoço como o pobre nunca vira.

Obrigado, meu príncipe.



O príncipe quis saber tudo acerca de Tom.

És feliz?



Sou, excepto quando passo fome.

Conta-me como vives.



Nas ruas há teatro de fantoches, representações e corridas.

No Verão, tomamos banho no rio.



Que maravilha! Se eu pudesse tomar banho no rio...

E eu, se pudesse vestir
as vossas roupas,
só uma vez...

Pois então, veste.



*Minutos depois,
estavam diante
de um grande
espelho,
Tom envergando
as roupas do
príncipe, e este
com os andrajos
de Tom.*

Somos tão
parecidos!
Os mesmos
olhos,
o mesmo
cabelo,
a mesma
voz.
Só a roupa
permite
distinguir
o Príncipe
de Gales do
pobre Tom.



Mas que marca é
essa na tua mão?

Foi
o guarda
do portão
que ma
fez.



Como se
atreveu?
Espera
aqui por
mim.

Mas quando Eduardo chegou ao portão, o guarda atirou-o ao chão com um soco.

Toma lá pelo sarilho que me arranjaste!



Mas eu sou o Príncipe de Gales!

Desaparece, fedelho!



E assim aconteceu o imprevisto...

*Abram alas para sua majestade!
Ha, ha, ha!*



O dia foi passando, e o príncipe ia percorrendo as ruas da cidade

Tenho de encontrar Offal Court. A família do Tom deve ajudar-me.



Finalmente...

Então?
O dia todo na
rua, e não
trazes um
tostão?

Leva-me ao meu
pai, o rei, e
ficarás rico.

O fedelho
enlouqueceu,
mas não deixa de
apanhar por isso!

*Entretanto, Tom Canty brincava
alegremente.*



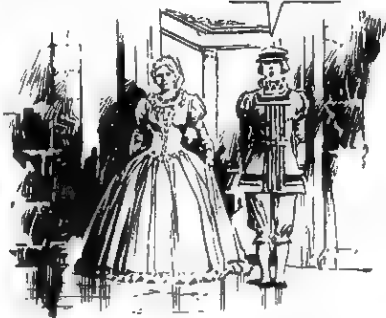
*Mas acabou por se cansar,
e assustou-se quando viu que
o príncipe não voltava.*

Que me vai
acontecer?



*Poucos
momentos
depois...*

Lady Jane
Grey.



Ajude-me por favor.
Dê-me as minhas
roupas, porque eu
não sou o príncipe.



Deus nos
acuda!
O príncipe
está
louco!



*O rei não tardou a ser informado,
e foi ver.*





Alteza,
eu sou um pobre.
Isto foi um
engano...

Não tenhas
medo, filho.
Hás-de
curar-te.

O rei
dirigiu-se
aos membros
da corte.



O meu filho pode
estar louco, mas será
curado, para me
suceder no trono.

O pobre Tom,
muito assustado,
foi levado dali.
Os seus antigos
sonhos eram muito
bons, mas agora não
se sentia feliz,
e só desejava ir
para casa.



Ao meio-dia, Tom comeu
a sua segunda refeição.
Se alguém estranhou vê-lo comer
com as mãos, nada disse.



Voltando aos seus aposentos,
Tom encontrou um livro
que podia ajudá-lo.
Começou logo a lê-lo.



E fez bem em lê-lo,
pois nessa noite foi ao
banquete do Prefeito
acompanhado pela
princesa Isabel
e lady Jane Grey.



Entretanto, no outro lado da cidade, o verdadeiro príncipe era arrastado para Offal Court. Só uma pessoa tentou ajudá-lo.

Era o velho padre Andrew.
Na sua cólera,
John Canty não
o reconheceu,
e virou-se a ele
brandindo o cacete.

Tem piedade!



Toma lá,
para não te
meteres,
velho!



Quando chegaram
a casa...

Diz outra vez,
quem és tu?

Sou Eduardo,
Príncipe
de Gales.



Pobre Tom.
Essas leituras
enlouqueceram-te.
Não sou
a tua mãe?



Não quero
magoá-la,
mas a verdade
é que nunca a vi.



*John Canty
enfureceu-se
e começou a bater
na mulher e
no rapaz.*

*Basta!
De John Canty,
ninguém faz
troça!*

*Não deixo que ele te
bata, pobre mulher.
Que me bata antes
a mim.*

*A mulher e o rapaz ficaram
muito maltratados.*

*Vão para
a cama.
Já estou
cansado.*

*Mas não puderam dormir,
pois pouco depois alguém
veio anunciar...*

*Canty, mataste
o padre Andrew.
Vais ser preso
e enforcado.*

*Não me apanharão!
Levantem-se.
Temos de fugir.*

Não digam a ninguém
quem somos.
Se nos perdermos,
encontramo-nos na
ponte de Londres.



Que
pressa
é essa,
amigo?
Bebe
connosco,
ou
atiramos-te
ao rio.

*Canty parou para beber.
Quando levantou a taça,
Eduardo aproveitou
para fugir.*



Eu devia ir
a um
banquete.
Tenho de
chegar
à Prefeitura
e trocar com
o Tom.

*Mas quando lá chegou,
não o deixaram entrar.*

*Deixem-me
passar.
Sou o
príncipe.*

*Vamos
atirar
este louco
ao rio!*



*Nesse
momento,
Eduardo
recebeu
uma ajuda
inesperada.*



*Sejas quem
fores, és
corajoso.
Eu chamo-me
Miles Hendon,
e vou ajudar-te.*

*Entretanto, aproximou-se um mensageiro
do palácio, e Miles e o príncipe
escaparam-se.*



*O mensageiro
entrou e
anunciou.*

*O rei
morreu!*

*Viva
o rei!*

*Os membros
da corte
ajoelharam
diante do
jovem que
julgavam ser
o seu príncipe.*



Miles Hendon levou Eduardo para uma estalagem junto à ponte. Mas John Canty chegara entretanto e estava à espera do filho.

Anda cá!
Vou-te
desfazer!

Mais
devagar!

Se lhe toca,
parto-o em dois.
Desapareça
daqui, depressa!

Deixe, que
ainda há-de
ter notícias
minhas.

Quando chegaram ao quarto de Hendon...

O rapaz atirou-se para a minha cama como se lhe pertencesse. Diz que é o Príncipe de Gales, e parece que acredita nisso.

Mas simpatizo com ele. Enquanto precisar de mim, serei seu amigo.



De manhã, Miles pediu o pequeno-almoço no quarto.



Mas quando ia sentar-se...



Então, tu sentas-te na presença do rei?

Tenho de lhe fazer a vontade até a cabeça dele melhorar.



Conta-me a tua história. Pareceś ter uma alma nobre.

Miles contou que era soldado, e estivera preso noutro país. Finalmente fugira e regressara a Inglaterra.



Ia a caminho da casa dos pais, para lhes dar a alegria de o verem vivo ao fim de tanto tempo.

És muito valente. E salvaste-me de um perigo, talvez da morte. Devo-te muito. Diz-me o que desejas.



Só desejo que eu e a minha família possamos sentar-nos na presença do rei.

E assim Miles pôde finalmente sentar-se sem ofender o seu jovem amigo, e até comeu o que sobrava do pequeno-almoço.



O vosso desejo está concedido, Sir Miles Hendon. Sois agora cavaleiro da Coroa.

Mais tarde, Miles foi comprar roupas para o garoto.



Mas quando voltou...

Onde está o rapaz?



Veio cá um homem, que lhe disse para ir ter consigo ao outro lado da ponte de Londres.

Não o encontro. Desapareceu. Mas ele vinha comigo, e eu vou procurá-lo até o encontrar.



*Nessa manhã,
Tom Canty acordou numa
cama desconhecida.*

**Que estranho
sonho
tive!**



**Oh, não!
Onde estou?
Quem sou eu?**

**Ontem,
éreis o
Príncipe de
Gales,
mas hoje,
sois
Eduardo, Rei
de Inglaterra.**

**Então o sonho
não era sonho,
infelizmente.
E agora sou rei!**

*O quarto não tardou
a encher-se de
pessoas, que se
aplicaram à
importante tarefa
de vestir o rei.*



*Tom não
entendia nada
disto.
Em Offal Court,
vestir-se era bem
mais simples.*

*Depois do
pequeno-almoço,
foi conduzido
à sala do trono.*



*Lord Hertford foi
ajudá-lo a governar.*

*Tom achou enfadonho
o trabalho de ser rei.*



*Que fiz
eu para
merecer
isto?
Preferia
estar
no rio.*



Nessa tarde,
quando Tom
estava sentado no
seu quarto,
entrou um rapaz.



Quem és tu?

Deveis lembrar-vos
de mim.
Sou Humphrey Marlow,
o moço das chicotadas.



Para que preciso eu de
um moço de chicotadas?

Ninguém pode castigar
o Príncipe de Gales!
Quando não estudais
bem as vossas lições,
sou eu quem apanho
as chicotadas.

Como já não
sois príncipe,
não deveis
continuar
a estudar,
e eu fico sem
trabalho.
Eu e as minhas
irmãs
passaremos
fome.

Fome? Como?



Sem o meu trabalho de
moço de chicotadas,
não poderei comprar
comida para a família.
Como vamos viver?

Tom compreendeu que este rapaz poderia ajudá-lo.

Durante mais de uma hora, Tom perguntou a Humphrey tudo sobre a corte.

Levanta-te, Humphrey Marlow, moço de chicotadas da casa real. Vou retomar os estudos, mas tão mal, que te pagarão três vezes mais.



Assim se passaram os primeiros dias do reinado de Tom.

Ainda se sentia estranho, mas ia aprendendo, e a tarefa ia-se tornando mais fácil.



Um dia, Tom estava a olhar pela janela, quando viu lá fora uma multidão.

Gostava de saber o que é aquilo.



Os desejos do rei são ordens.

*Chegou a
informação de
que aquela
gente ia assistir
à execução de
umas pessoas.*

Tragam-me
esses
condenados.



*Tom sabia que
tinha audiências
marcadas, mas
estava mais
interessado em
conhecer a
história dos
condenados
à morte.*

Às vezes ser rei
é aborrecido,
mas outras vezes
é muito
interessante.



Era isto que eu
sentia quando
ouvia as histórias
do padre Andrew.





Tende
piedade,
mandai-me
enforcar!

Então não ias
a caminho
da força?

Não, alteza!
Mandaram-me
queimar vivo!



A história
recordará o
vosso nobre
acto e
honrar-vos-á
por ele.

Esperem!
Porque vai este homem
ser executado?

Uma bruxa
disse que
um homem
ia morrer
envenenado.
Quando ele
morreu, a
bruxa acusou
este homem
de o ter
morto.

Concedo-te o
teu desejo.
Ninguém mais
será
queimado
vivo.

Eu não
o envenenei,
alteza!

Libertem
o homem.
Ninguém
deve ser
enforcado
por uma
razão tão
estúpida.

*Um murmúrio de satisfação
atravessou a sala.*

Ele não está louco.
Agiu como um verdadeiro rei.

*Em seguida trouxeram-lhe uma
mulher e o filho.
Alguém dissera que eles tinham
vendido a alma ao diabo.*

Eles
confessam?

Não, alteza.
Dizem que
é falso.

Então como
sabem que
é verdade?

Ela não sofreu
também?

Viram-nos sair de uma
igreja à meia-noite.
Pouco depois, uma
grande tempestade
destruiu toda a aldeia.

Sim, alteza.
Ela e o filho
ficaram sem casa.

O poder do demónio saiu-te caro. Se mo demonstrares, provocando uma tempestade, podes ir em liberdade.

Senhor, mas eu não tenho esse poder!

Creio que ela diz a verdade. Se a minha mãe estivesse no lugar dela, usaria o tal poder para salvar o filho.

Este homem não é louco. É rei, e é um bom rei.



Mas voltemos a Miles Hendon, o amigo de Eduardo.



Perguntando a várias pessoas, Miles conseguiu seguir a pista do amigo.

Miles tinha dito a Eduardo que iam para Hendon Hall, a casa dele, e pensou que o rapaz tentaria ir lá ter.

Assim, Miles partiu para Kent, procurando-o nos bosques e fazendo perguntas.



Convencido de que o seu amigo estava ferido, Eduardo tinha seguido o mensageiro.



Finalmente, chegaram a uma casa de campo destruída pelo fogo. Junto dela, havia um estábulo em ruínas.



Mas quando entraram...

Onde está o Miles?

Não voltes a fazer zangar o teu pai, ou levas uma sova.



Tu não és
o meu pai.

Pára com
essa
conversa.
Matei um
homem, e
temos de
começar
uma vida
nova.

*Ao cair da noite,
o estábulo encheu-se de
ladrões e pedintes que já
conheciam John Canty.*

Bem vindo,
companheiro.
Gosto de te ver.

Como vão
as coisas
por aqui,
amigo
Ruffler?

Para alguns, bem.
Mas para outros, mal!
Vê estes pobres
camponeses.
Roubaram-lhes a
terra, e foram
obrigados a mendigar.
Como é proibido,
foram espancados,
e viram-se forçados
a roubar.
Foram apanhados e
vendidos como
escravos.

Bebei à Lei da Reforma Rural, rapazes!
Roubou-me a terra,
matou-me a família,
e agora vai-me
enforcar como
um escravo!



*Eduardo estava a aprender muito
sobre o seu povo, que nunca pudera
conhecer.*

A partir de
hoje essa lei
deixa de
existir.



Quem és
tu?



Sou
Eduardo,
o rei de
Inglaterra.

Amigos,
ele é o meu
filho, e está
louco.
Não lhe
liguem.

Então, então,
não tens respeito?
Nós somos homens
ruins, mas nenhum de
nós é um traidor ao
seu rei!



Como vosso
rei,
agradeço-vos,
boa gente.

Deixa-te
disso.
Não te
fica bem.



Um dos ladrões
teve uma ideia
para se
divertirem.

Vamos fazê-lo
rei! Vamos
prestar-lhe
homenagem!



Dêem vivas!

Viva o rei
dos escravos!



*As lágrimas corriam dos olhos
de Eduardo.
Ele queria ajudar esta
pobre gente, mas ninguém
acreditava na sua história.*

*Na manhã seguinte,
o bando de salteadores
partiu para o Sul,
para passar o Inverno.*



*Quando chegavam a uma cidade
dividiam-se em grupos mais
pequenos, para mendigarem
e roubarem.
Eduardo foi mandado
acompanhar um rapaz
mais velho chamado Hugo.*



Bom senhor,
uma moeda, para
comprar comida.



Dou-te três
moedas, pobre
criança.

Anda, rapaz
Ajuda-me a
levar o teu
irmão doente
para aquela
casa.

Ele não é meu
irmão.
Aceitou o vosso
dinheiro e
roubou-vos!



E se o quereis ver
curado num
instante, dai-lhe
uma bengalada.

*Com um salto,
Hugo
escapou-se.
Eduardo fugiu
por outra rua.*



*O jovem rei
viajou
durante todo
o dia,
cansado e
cheio de
fome.*



*Finalmente,
não pôde
continuar.
Entrou num
estábulo e
deitou-se a
dormir ao pé de
uma vaca.*





*Na manhã seguinte,
duas rapariguinhas
encontraram-no.*

Quem és
tu?

Sou o rei de
Inglaterra.



Estás esfarrapado
e esfomeado, mas
pareces honesto.
Se dizes que és
o rei, acredito.

*Levaram-no para casa,
para lhe darem o pequeno-almoço.*

Tratarei sempre bem
as crianças, porque
acreditaram em mim e
me ajudaram.
Os mais velhos é que
troçaram de mim e me
chamaram mentiroso.



*A mãe das garotas deu-lhe
uma boa refeição.
Ela também era pobre, e
sabia o que era ter fome.*



*Depois de comer, Eduardo
lavou a loiça.*



*Eduardo estava
a aprender
muito sobre o
seu povo.
Esta mulher,
sem o saber,
ensinara-lhe
muito sobre a
verdadeira
bondade.*



*Então, por um acaso,
Eduardo olhou pela janela
e viu John Canty e Hugo
aproximarem-se.*

*Sem dizer nada,
saíu pela porta de
trás e afastou-se
rapidamente.*



*Correu para a floresta.
Quanto mais avançava,
mais o bosque ficava escuro.*



*Continuou a caminhar.
Ao cair da noite,
viu uma luz.*



*Vinha de uma
pequena cabana.
Lá dentro,
estava um velho
a rezar.*



*Quem és
tu?*

Sou o rei.



*E eu sou um
arcanjo.*



*Oh, não!
Este homem é louco!
Estava melhor com os ladrões!*

Mas o velho tratou-o com gentileza e deitou-o.

Eduardo dormiu tão bem, que nem acordou quando o eremita o amarrou à cama.

Na manhã seguinte, teve uma horrível surpresa ao acordar. O velho estava junto dele, com um punhal na mão.



Filho do rei Henrique, sabes que foi o teu pai que me tirou a minha casa? Se não tivesse mandado fechar o nosso mosteiro, eu podia ser papa!

Mas nesse momento, Eduardo ouviu uma voz.

Olá! Viste um rapaz neste bosque?



Era Miles Hendon.

Que rapaz?



Não mintas. Os homens que o levaram disseram que ele estava aqui.

Deve ser o rapaz que passou cá a noite. Mandeí-o fazer-me um recado.



Mostra-me onde ele foi.

Dentro da cabana, Eduardo ouviu as vozes deles afastarem-se. Depois, fez-se silêncio.

Logo a seguir,
Eduardo ouviu a
porta abrir-se.
Fechou os olhos,
e quase sentiu
o punhal na
garganta.



Mas era
John Canty,
com Hugo.

Rapidamente
desataram-no.
Antes que ele
pudesse
recobrar o
fôlego,
agarraram-no
e fugiram para
a floresta.



Assim, o 'rei
dos escravos'
voltou a
juntar-se
ao bando
do Ruffler.



Mas Hugo continuava
zangado com Eduardo
pelo que ele fizera
quando andavam a
pedir, e decidiu
fazer-lhe uma
armadilha, para ele ser
preso pelos guardas.

No dia seguinte,
Hugo roubou um
embrulho a uma
mulher que estava
de costas.
Antes que ela se
virasse, Hugo
atirou o embrulho
a Eduardo e fugiu.



Logo se
juntou uma
multidão em
volta do rei.
Então...



Larga
esse
rapaz,
mulher.

Chegaste
em boa hora,
Sir Miles.

Chegou um guarda, e
pouco depois, estavam
todos perante um juiz.

Quanto vale
este
embrulho?

Quarenta e
quatro
cêntimos,
Senhor juiz.



Uma pessoa pode
ser enforcada por
roubar qualquer
coisa que valha
mais que treze
cêntimos e meio!

Dizei que o
embrulho
não vale
mais que oito
cêntimos,
mas não
enforqueis o
rapaz!



O Juiz falou bondosamente
com Eduardo, e finalmente,
libertou os dois.

Com sorte e algum dinheiro, Miles arranjou uma mula e um burro para a viagem.

No caminho para Hendon Hall, os dois contaram as respectivas aventuras.



Miles falou do seu pai e do seu irmão mais velho, Arthur. Falou também de Edith, por quem estava apaixonado. Referiu-se ainda ao irmão mais novo, Hugh, de quem não gostava. Finalmente...

Aí está a aldeia!
E naquela colina fica
Hendon Hall.
Apressemos-nos!



Depois de uma ausência tão grande, Miles estava radiante por voltar.

Ao chegarem ao pátio, Miles ajudou Eduardo a descer do burro.



Bem vindo a Hendon Hall, meu rei!
O meu pai e o meu irmão Arthur vão gostar de me ver são e salvo.
Talvez até o Hugh fique contente.

Lá dentro, Miles encontrou o irmão mais novo.

Cheguei, Hugh!
Estou em casa.



Quem és tu?
Como sabes o meu nome?

Sou o teu
irmão, Miles
Hendon.

És parecido
com o meu
irmão.
Mas uma carta
que recebi em
tempos diz-me
que não podes
ser ele.



Uma que veio
há anos.
Dizia que
o meu irmão
morrera em
combate.

Que
carta?

É mentira!
Chama o meu pai e
o meu irmão Arthur!

Não posso
chamar os
mortos.



É uma triste
notícia.
Mas não me
digas que
lady Edith
também...

Não, está viva.
Vou buscá-la.

Tens um
companheiro,
meu amigo.
Também eu tenho
dificuldade em
provar quem sou.





Edith,
minha querida!

Conheces este
estranho?

*Ela tremeu por
momentos, e depois
falou com uma voz
que parecia a morte.*

Não o
conheço.

É você
criados,
sabem quem
é este
homem?



*Os criados
abanaram a cabeça.
Edith fugiu da sala.*



Receio que seja
um engano.
Nem a minha
mulher nem os
criados te
conhecem.

Sei o que fizeste!
Escreveste
tu próprio a carta
falsa, e roubaste
a minha noiva!
Devia matar-te!



Não! Agarrem-no,
criados!

Afasta-te de
mim!
Não me
rebaixarei a
brigar com
gente como tu.

Vou escrever uma carta em latim, grego e inglês. Amanhã, levá-la-eis a lorde Hertford. Ele saberá que fui eu que a escrevi, e mandará logo buscar-me.

Pobre louco! Ainda tem aquela ideia na cabeça.

Eduardo entregou a carta a Miles.

De repente, a sala foi invadida por guardas que correram para eles. Na luta que se seguiu, Miles esqueceu-se da carta.

Sozinhos, não conseguiram bater-se com tantos guardas, e foram levados.

O pobre Miles regressara esperando ser bem recebido, e em vez disso, foi posto num calaboiço. Não parava de pensar em Edith. Não entendia porque razão ela fingira não o conhecer. Teria sido forçada a isso?

*Todos os dias,
vinha gente
insultar Miles.
Com isto Hugh
pretendia virar
as pessoas contra
o irmão.*



*Passou uma
semana.
Então...*

É o Blake
Andrews, um
criado de família, e
homem honesto.



Felizmente, estais
vivo!
Uma palavra
vossa, e contarei
tudo, mesmo que
me enforcuem.

Não serviria de
nada dizeres que
me reconheces.
Mas agradeço-te
na mesma.

*Todos os
dias,
Andrews
vinha trazer
comida ao
amo.*



*Contou-lhe que Hugh
convencera o pai,
moribundo, a obrigar
Edith a casar com
ele. Hugh tornara-se
cruel e duro para
toda a gente.*

Veio o julgamento, e Miles foi condenado a duas horas no tronco.

Eduardo ficou muito revoltado com isto...



Que
vergonha!
É um súbdito
meu!
Libertem-no.



Não lhe
ligues,
guarda.
É louco.



Talvez seja, mas
vou ensiná-lo a
ter maneiras.

Meia dúzia
de boas
chicotadas
chegam.

Não! Chicoteiem-me
antes a mim!

Boa ideia.
Deixem lá o
mendigo, mas
dêem uma
dúzia a este.

Eduardo chorou
enquanto Miles
recebia o
castigo sem
uma queixa.
A gente do
cárcere ficou a
respeitá-lo.

Querido
amigo, mais
uma vez te
agradeço.
Far-te-ei
conde.

Pobre criança
louca!
Mas gosto
dele, pela sua
sinceridade.

Hugh partiu,
e todos
ficaram em
silêncio.

Duas horas
depois, Miles
foi libertado,
com ordem
para não
voltar.
A multidão
abriu alas
para ele
passar.



Onde
vamos
altura?

Para Londres!

*Alguns dias depois,
chegaram a Londres.
No dia seguinte, o
Príncipe de Gales
seria coroado
rei de Inglaterra.
No meio da multidão
Eduardo e Miles
perderam-se.*



*À meia-noite, Tom Canty
dormia profundamente.
Nos seus sonhos, já era rei.*



*À mesma hora, Eduardo o
verdadeiro rei, estava
esfomeado e exausto.
Com tristeza, observava os
homens que terminavam os
preparativos da coroação, na
Abadia de Westminster.*



Ao alvorecer,
as pessoas já se
alinhavam nas
ruas.

Um magnífico
cortejo
atravessou a
cidade,
passando sob
os seus arcos
grandiosos.

Tudo isto é para
me saudar!

De súbito, Tom ouviu
uma voz do seu passado.

Meu filho,
meu
querido!

Boa mulher,
eu não te
conheço.

O cortejo continuou.
Mas a recordação da mãe,
que ficara para trás, tirava
a Tom toda a alegria.

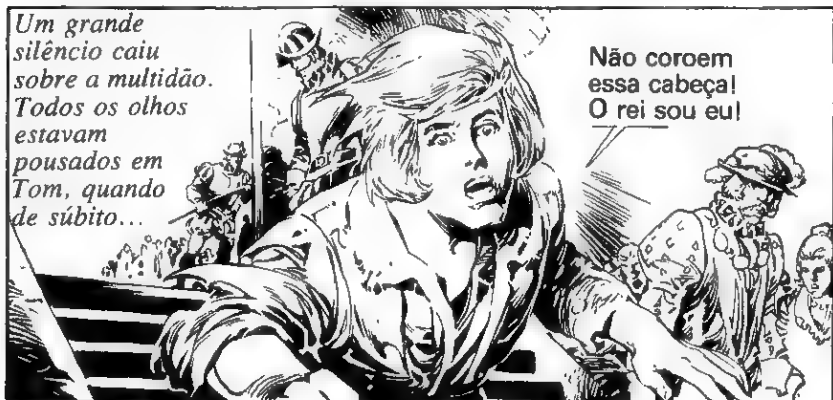
Sacudi, essa tristeza, meu príncipe.
O mundo tem os olhos
postos em vós.

O cortejo
chegou à
Abadia de
Westminster, e
a coroação
começou.
Tom Canty ia
ser rei!



Um grande
silêncio caiu
sobre a multidão.
Todos os olhos
estavam
pousados em
Tom, quando
de súbito...

Não coroeem
essa cabeça!
O rei sou eu!



Não lhe façam mal!
É ele o rei.



Alteza, deixai ser
o pobre Tom Canty
o primeiro
a prestar-vos
homenagem.



Se és o rei,
terás de
o provar.

Onde está o
Grande Selo?
Só o verdadeiro
Príncipe de Gales
pode sabê-lo.



Muito bem. St. John,
ide ao meu quarto.
No canto esquerdo há um
prego de latão.
Carregai aí, e abrir-se-á
uma porta secreta.
O Selo está lá dentro.



*Todos ficaram espantados por ver o jovem mendigo
tratar um nobre pelo nome próprio, como se o
conhecesse bem. Mas quando St. John voltou...*

O Selo não
está lá.



É estranho que o Selo de Inglaterra desapareça e ninguém o encontre. É de ouro, e bem grande.

Era redondo e grosso?



Sim.

Eu sei onde está, mas não fui eu que o pus lá.

Recordais, quando viste a minha ferida e quisestes castigar o guarda? Vistes o Selo em cima da mesa e procurastes um lugar para o esconder.



Sim!
Já me lembro!



Meu bom St. John, encontrareis o Grande Selo no braço da armadura.



A multidão aplaudiu,
quando St. John voltou
com o Selo.



Como te
lembraste do
sítio onde eu
o escondi?



Foi fácil.
Usei-o
muitas
vezes.

Mas se não
sabias o que era,
para que o
usavas?



Para
partir
nozes.

O manto real foi
posto sobre os
ombros de Eduardo.
O verdadeiro rei foi
coroado, enquanto
os canhões
anunciavam a nova
a toda a cidade.



Nesse momento, Miles Hendon estava longe, cansado de procurar o amigo durante toda a noite.



Ouvii o troar distante dos canhões, e pensei: o novo rei foi coroado! Depois adormeci.

De manhã foi ao palácio procurar um velho amigo do pai, que poderia ajudá-lo.



Mas foi preso e revistado. Os guardas encontraram no bolso um pedaço de papel.

Retenham este homem, enquanto levo a carta dele ao rei.

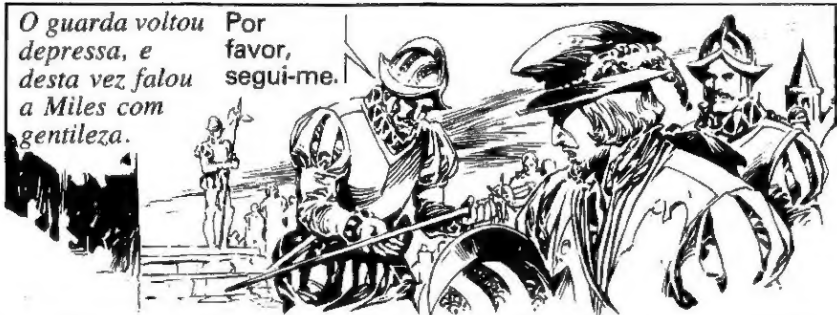


Miles sorriu quando se lembrou que era a carta do seu jovem amigo louco.



O guarda voltou depressa, e desta vez falou a Miles com gentileza.

Por favor, segui-me.



Será verdade?
É mesmo o meu
jovem amigo?



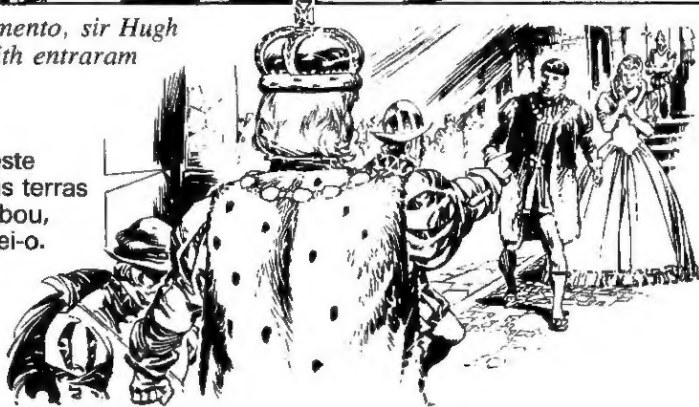
De repente, teve uma ideia louca.
Procurou uma cadeira, e
sentou-se no meio do salão.

Nesse momento, sir Hugh
e lady Edith entraram
no salão.

Não lhe toquem!
Ele tem esse direito.
É sir Miles Hendon.
Concedo-lhe o título de Conde
de Kent, e dar-lhe-ei ouro e
terras à altura do seu nome.



Tirai a este
ladrão as terras
que roubou,
e predeí-o.



A multidão recuou, e Tom Canty entrou, para se ajoelhar diante do rei.

Tom saiu para ir dar as novidades à mãe e às irmãs.

Edith contou que Hugh a tinha obrigado a mentir quando ele fora a Hendon Hall. Mais tarde, Hugh fugiu para a Europa, e morreu pouco depois. Miles, o Conde de Kent, acabou por casar com Edith, para grande alegria das pessoas da aldeia de Hendon.

Eduardo foi um rei clemente. Mais de uma vez, se zangou com os nobres pretensiosos que criticavam a bondade do rei.

Sei tudo o que se passou nestas semanas, e estou muito satisfeito contigo. Ficarás sob a protecção do rei.

Que sabeis do sofrimento? Eu e o meu povo conhecemo-lo, mas vós não.



FIM

PERGUNTAS

1. Quando Tom Canty foi confundido com o príncipe, porque não estranharam as maneiras dele?
2. Desde o dia em que morreu o rei Henrique VIII, até ao dia da coroação do sucessor, como reinou Tom Canty? Justifica a resposta.
3. Diz algumas coisas úteis que o rei aprendeu no tempo em que viveu como Tom. Achas que estas lições terão feito dele um rei melhor? Porquê?
4. Que aconteceu à Sra. Canty e às irmãs de Tom no final da história? Que achas que terá acontecido ao Sr. Canty?
5. Diz algumas das coisas estranhas a que Tom teve de se habituar quando viveu no palácio.
6. Porque é que Hugh, o irmão de Miles, fingiu não o conhecer quando ele apareceu em Hendon Hall?
7. Como é que Eduardo provou finalmente que era o verdadeiro príncipe? Como é que Tom o ajudou a prová-lo?
8. Que mostra esta história sobre as diferenças entre os ricos e os pobres? (O príncipe diz qualquer coisa a esse respeito na pág. 12)

PALAVRAS A APRENDER

eremita
aplicar
suceder

Abadia de Westminster
reforma
demente

rixa
prefeito
rural

Biblioteca RTP

Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

Iniciativa editorial conjunta da
Radiotelevisão Portuguesa
e Editorial Publica

volumes publicados:

- Alexandre Dumas OS TRÊS MOSQUETEIROS
Lewis Wallace BEN HUR
Alexandre Dumas O MÁSCARA DE FERRO
Anna Sewell O CAVALO PRETO
H. G. Wells A GUERRA DOS MUNDOS
Rudyard Kipling LOBOS DO MAR
Sir Walter Scott IVANHOE
Júlio Verne A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
Mark Twain AS AVENTURAS DE TOM SAWYER
H. G. Wells O HOMEM INVISÍVEL
Sir Arthur Conan Doyle O CÃO DOS BASKERVILLES
Robert Louis Stevenson A ILHA DO TESOURO
Anthony Hope O PRISIONEIRO DE ZENDA
Júlio Verne 20 000 LÉGUAS SUBMARINAS
Daniel Defoe ROBINSON CRUSOE
Herman Melville MOBY DICK
Charles Dickens OLIVER TWIST
Sir Arthur Conan Doyle SHERLOCK HOLMES
Joseph Conrad LORDE JIM
Stephen Crane SOB A BANDEIRA DA CORAGEM
Jonathan Swift AS VIAGENS DE GULLIVER
Jack London CANINOS BRANCOS
Baronesa Orczy O PIMPINELA ESCARLATE
William Bligh A REVOLTA NA BOUNTY
James Fenimore Cooper O ÚLTIMO MOICANO
Mark Twain O PRÍNCIPE E O POBRE

a publicar:

Júlio Verne VIAGEM AO CENTRO DA TERRA